

M A R I E L U

LEGEND

Tradução
Raquel Dutra Lopes

1001
MUNDOS

LOS ANGELES, CALIFÓRNIA

REPÚBLICA DA AMÉRICA



POPULAÇÃO: 20 174 282



PRIMEIRA PARTE

★ ★ ★

O RAPAZ

QUE CAMINHA

NA LUZ

DAY

A MINHA MÃE JULGA QUE MORRI.

Obviamente, *não* morri, mas é mais seguro que ela pense que sim.

Pelo menos, duas vezes por mês, vejo o cartaz que me anuncia como Procurado exposto nos *JumboTrons* espalhados pelo centro de Los Angeles. Parece deslocado ali. Na maioria, as imagens que passam nos ecrãs são de coisas felizes: crianças sorridentes sob um céu azul cristalino, turistas a posar diante das Ruínas da Golden Gate, anúncios à República em cores fluorescentes. Também há propaganda contra as Colónias. «*As Colónias querem a nossa terra*», declaram os anúncios. «*Querem o que não têm. Não os deixem conquistar os vossos lares! Apoiem a causa!*»

E depois há o meu registo criminal. Ilumina os *JumboTrons* em toda a sua glória multicolor:

PROCURADO PELA REPÚBLICA

FICHEIRO N.º: 462178-3233 «DAY»

PROCURADO POR AGRESSÃO, FOGO POSTO,
FURTO, DESTRUIÇÃO DE PROPRIEDADE MILITAR
E AMEAÇA AO ESFORÇO DE GUERRA
200 000 NOTAS REPUBLICANAS POR
INFORMAÇÃO QUE LEVE À DETENÇÃO

LEGEND

Têm sempre uma fotografia diferente a passar ao lado do registo. Uma vez, foi a de um rapaz com óculos e a cabeça coberta de caracóis castanho-acobreados. Noutra ocasião, a de um rapaz de olhos pretos e cabeça rapada. Às vezes, sou negro, outras branco, por vezes, tenho a pele morena, castanha, amarela, vermelha ou o que mais lhes ocorra.

Por outras palavras, a República não faz a mínima ideia como sou. Parece que não sabe muito *acerca* de mim, exceto que sou novo e que, quando as minhas impressões digitais passam pelo sistema, não há uma correspondência na base de dados. É por isso que me odeiam, é por isso que não sou o criminoso mais *perigoso* da nação, mas sim o mais *procurado*. Por minha causa, fazem má figura.

Ainda é cedo, mas lá fora já está escuro como breu e os reflexos dos *JumboTrons* são visíveis nas poças da rua. Sento-me num parapeito decrépito no segundo andar de um prédio, escondido por vigas de aço enferrujado. Isto costumava ser um complexo de apartamentos, mas foi deixado ao abandono. Há candeeiros partidos e cacos de vidro espalhados pelo chão desta divisão, na qual a tinta das paredes está a pelar. A um canto, um velho retrato do Elector Primo encontra-se caído no chão, voltado para cima. Gostava de saber quem viveria aqui – ninguém é tão louco que deixe o seu retrato do Elector assim descartado no chão.

O meu cabelo, como de costume, está enfiado dentro de um velho boné de ardina. Tenho o olhar fixo na pequena casa de um só andar do outro lado da rua. As minhas mãos vão mexendo no pendente que trago ao pescoço.

Tess encosta-se à outra janela do quarto, observando-me com atenção. Esta noite estou apreensivo e, como sempre, ela é capaz de o pressentir.

A peste atingiu o setor Lake em força. À luz dos *JumboTrons*, Tess e eu vemos os soldados ao fundo da rua a inspecionarem cada casa, com as capas pretas a reluzir, abertas, por causa do calor. Todos usam máscaras antigás. Por vezes, ao saírem, marcam

uma casa com um grande X vermelho na porta. Depois disso, ninguém entra ou sai de lá – pelo menos, se houver alguém atento.

– Ainda não os vêes? – sussurra ela. As sombras ocultam-lhe a expressão.

Numa tentativa de me distrair, estou a montar uma figa improvisada com velhos canos de PVC.

– Não jantaram. Há horas que não se sentam à mesa.

Mudo de posição e estico o joelho magoado.

– Talvez não estejam em casa?

Lanço-lhe um olhar irritado. Tess está a tentar consolar-me, mas eu não estou para aí virado.

– Há uma luz acesa. Olha para aquelas velas. A minha mãe nunca gastaria velas se ninguém estivesse em casa.

Ela aproxima-se mais.

– Devíamos sair da cidade por umas semaninhas, não achas?

– Tenta manter a voz calma, mas o medo é evidente. – Em breve a peste terá passado e tu poderás voltar e visitá-los. Temos dinheiro mais do que suficiente para dois bilhetes de comboio.

Abano a cabeça.

– Uma noite por semana, lembras-te? Deixa-me só ver como estão uma vez por semana.

– Pois. Mas durante esta semana tens vindo para cá *todas* as noites.

– Só quero assegurar-me de que estão bem.

– E se adoeceres?

– Eu assumo esse risco. E tu não tinhas de ter vindo comigo. Poderias ter esperado por mim em Alta.

Tess encolhe os ombros.

– *Alguém* tem de te manter debaixo de olho.

Dois anos mais nova que eu – embora por vezes pareça ter idade suficiente para cuidar de mim.

Em silêncio, continuamos a ver os soldados, que se aproximam da casa da minha família. De cada vez que param numa casa, um soldado bate à porta com força enquanto um outro se

LEGEND

mantém a seu lado, de arma em riste. Se ao fim de dez segundos ninguém abrir a porta, o primeiro soldado arromba-a a pontapé. Não consigo ver o que acontece depois de entrarem, mas já sei como é: um deles recolhe uma amostra de sangue de cada membro da família e depois insere-a num leitor portátil que lhe faz o teste da peste. Tudo se processa em dez minutos.

Conto as casas entre aquela em que os soldados se encontram agora e a da minha família. Terei de esperar mais uma hora para saber que destino os espera.

Da outra ponta da rua, ecoa um grito de aflição. Os meus olhos seguem de imediato o som e a minha mão desce até à faca que tenho embainhada no cinto. Tess inspira profundamente.

É uma vítima da peste. Deveria estar há meses a deteriorar-se, pois tem a pele gretada e sangra por todo o lado, o que me leva a perguntar-me como será possível que os soldados não tenham dado por ela em inspeções anteriores. Cambaleia durante algum tempo, desorientada, e depois lança-se para diante, mas acaba por tropeçar e cair de joelhos. Olho de novo para os soldados. Agora estão a vê-la. O soldado de arma em riste aproxima-se enquanto os outros onze se mantêm imóveis, a observar. Uma vítima da peste não é grande ameaça. O soldado levanta a arma e faz pontaria. Uma salva de chispas envolve a mulher infetada.

Esta cai e depois deixa de se mexer. O soldado junta-se aos camaradas.

Quem me dera que pudéssemos deitar a mão a uma das armas dos soldados. Uma arma à maneira como aquela não custa muito no mercado – quatrocentas e oitenta Notas, menos do que um fogão. Como todas as armas, tem precisão, guiada por ímanes e correntes elétricas, e é capaz de acertar num alvo a três quarteirões de distância. Trata-se de tecnologia roubada às Colónias, segundo o meu pai uma vez me disse, embora obviamente a República nunca o admitisse. Tess e eu poderíamos comprar cinco, se quiséssemos... Ao longo dos anos, aprendemos a acumular o dinheiro extra que roubamos e a guardá-lo para

emergências. Porém, o verdadeiro problema de se ter uma arma não é a despesa. É o facto de ser tão fácil ligarem-na a quem a usa. Cada arma tem um sensor que comunica a forma da mão, a impressão digital do polegar e a localização do utilizador. Se isso não me denunciasses, nada o faria. Por esse motivo, tenho de me valer de armas artesanais, fisgas feitas de canos de PVC e outras engenhocas.

– Encontraram outra – diz Tess, que semicerra os olhos para ver melhor.

Olho para baixo e vejo os soldados a saírem de outra casa. Um deles agita uma lata de tinta em *spray* e desenha um enorme X vermelho na porta. Conheço aquela casa. A família que ali vive teve uma filha em tempos que era da minha idade. Eu e os meus irmãos costumávamos brincar à apanhada com ela quando éramos mais novos, e também jogávamos hóquei na rua com tacos de ferro e uma bola de papel amarrotado.

Tess tenta distrair-me, apontando para a trouxa de tecido que tenho junto aos pés.

– O que lhes trouxeste?

Sorriso e depois baixo-me para desfazer o nó da trouxa.

– Algumas das coisas que poupámos durante esta semana. Vai servir para uma boa celebração depois de passarem na inspeção. – Remexo a pequena pilha de presentes que tenho dentro da trouxa e depois pego nuns óculos de proteção usados. Volto a assegurar-me de que as lentes não estão rachadas. – Para o John. É uma prenda de anos antecipada. – O meu irmão mais velho faz dezanove anos no final da semana. Trabalha em turnos de catorze horas nas fornalhas de fricção da central da zona e chega sempre a casa a esfregar os olhos por causa do fumo. Estes óculos de proteção foram mesmo um golpe de sorte, surripiados de um carregamento de mercadorias militares.

Pouso-os e remexo o resto das coisas. Na maioria, são latas de carne e puré de batata que roubei da cafetaria de um avião e um velho par de sapatos com as solas intactas. Quem me dera

LEGEND

poder estar com todos eles quando lhes der isto. Mas John é o único que sabe que estou vivo e prometeu não contar nem à nossa mãe, nem a Eden.

Eden faz dez anos daqui a dois meses, o que quer dizer que, dentro de dois meses, terá de se submeter ao Exame. Eu chumbei no meu quando tinha dez anos. É por isso que me preocupo com Eden, porque, apesar de não haver dúvida de que é o mais esperto dos três irmãos, pensa de uma forma muito semelhante à minha. Quando terminei o Exame, sentia-me tão confiante em relação às minhas respostas que nem sequer me dei ao trabalho de os ver a classificá-las. Mas depois os administradores mandaram-me para um canto do estádio com vários outros miúdos. Carimbaram qualquer coisa no meu teste e meteram-me num comboio em direção ao centro da cidade. Não pude levar o que quer que fosse para além do pendente que usava ao pescoço. Nem sequer pude despedir-me.

Depois de nos submetermos ao Exame, podem acontecer várias coisas.

É possível obter um resultado perfeito – 1500 pontos. *Nunca* houve quem o conseguisse – bem, se não contarmos com uma criança qualquer há uns anos que os militares praticamente endeusaram. Quem sabe o que acontece a alguém com um resultado tão alto? Provavelmente, dinheiro e poder não devem faltar-lhe, certo?

Quem obtenha um resultado entre 1450 e 1499, bem pode dar-se uma palmadinha nas costas, pois tem acesso imediato a seis anos de ensino secundário e outros quatro nas melhores universidades da República: Drake, Stanford e Brenan. Depois o Congresso contrata essa pessoa, que ganha uma batelada de dinheiro. Seguem-se alegria e felicidade. Pelo menos, de acordo com a República.

Com um bom resultado, algures entre os 1250 e os 1449 pontos, também se vai para a escola secundária e depois estuda-se numa faculdade. Não é mau.

Uma passagem à tangente, com um resultado entre 1000 e 1249, conduz a uma proibição de entrada na escola secundária por parte do Congresso. Ingressa-se entre os pobres, como a minha família. O mais provável é que se morra afogado a trabalhar nas turbinas aquáticas ou com os vapores escaldantes das centrais energéticas.

Chumba-se.

São quase sempre os miúdos do setor dos bairros de lata que chumbam. Quando se faz parte desta desafortunada categoria, a República manda oficiais a casa. Obriga os pais a assinar um contrato que dá ao governo a guarda absoluta da criança. Dizem que vão enviá-la para os campos de trabalho da República e que a família não tornará a vê-la. Os pais têm de assentir com a cabeça e concordar. Alguns até celebram, pois a República oferece-lhes mil Notas como presente de condolências. Dinheiro e menos uma boca para alimentar? Mas que governo tão atencioso.

Só que tudo isto é mentira. Uma criança inferior com maus genes não tem serventia alguma para o país. Com alguma sorte, o Congresso deixa-a morrer sem a enviar antes para os laboratórios, onde será examinada para detetar imperfeições.

Faltam cinco casas. Tess vê a preocupação nos meus olhos e encosta uma mão à minha testa.

– Vem aí uma das tuas dores de cabeça?

– Não, estou bem.

Perscruto a janela aberta da casa da minha mãe e vislumbro pela primeira vez um rosto familiar. Eden passa por lá; depois espreita pela janela, para ver os soldados que se aproximam, e aponta-lhes um instrumento metal improvisado. Em seguida torna a encolher-se e desaparece. Os seus caracóis loiros parecem quase brancos à luz bruxuleante da lanterna. Conhecendo-o, provavelmente terá construído aquele aparelho para medir a distância a que alguém se encontra ou algo assim.

– Parece mais magro – resmungo.

LEGEND

– Está vivo e anda por aí – replica Tess. – Isso para mim é uma vitória.

Passados uns minutos, vemos John e a minha mãe a passar pela janela, embrenhados numa conversa. Eu e John somos bastante parecidos, embora ele tenha ficado um pouco mais entroncado devido aos longos dias de trabalho na central. O seu cabelo, como o da maioria dos que vivem no nosso setor, passa-lhe dos ombros e está preso num rabo-de-cavalo simples. Tem o colete manchado de argila vermelha. Percebo que a minha mãe está a ralhar-lhe por algum motivo, provavelmente por ter deixado que Eden espreitasse pela janela. Afasta a mão de John quando é acometida por um ataque da sua tosse crónica. Solto uma expiração. Pronto. Pelo menos, estão os três suficientemente saudáveis para caminharem. Mesmo que um deles esteja infetado, ainda haverá possibilidade de recuperar.

Não consigo deixar de imaginar o que acontecerá se os soldados marcarem a porta da minha mãe. Todos ficarão petrificados na sala de estar durante muito tempo depois de os soldados irem embora. Depois, a minha mãe fará a sua habitual expressão corajosa, mesmo que depois passe a noite acordada, a limpar lágrimas silenciosas. De manhã, começarão a receber pequenas rações de comida e água, restando-lhes simplesmente esperar pela recuperação. Ou pela morte.

A minha mente vagueia até ao monte de dinheiro roubado que eu e Tess temos escondido. Duas mil e quinhentas Notas. Bastam para nos alimentar durante meses... mas não para comprar os frascos de remédio para a peste de que a minha família precisaria.

Os minutos arrastam-se. Guardo a minha fígada e dedico-me a umas quantas partidas de Pedra, Papel, Tesoura com Tess. (Não sei porquê, mas ela tem um jeito diabólico para este jogo.) Lanço vários olhares de esguelha para a janela da minha mãe, mas não vejo quem quer que seja. Devem ter-se agrupado perto da porta, para a abrirem assim que ouvirem um punho a bater na madeira.

E depois chega a altura. Debruço-me no parapeito, tanto que Tess me agarra por um braço para ter a certeza de que não perco o equilíbrio e vou parar ao chão. Os soldados batem à porta. A minha mãe abre-a de imediato, deixa-os entrar e depois torna a fechá-la. Esforço-me por ouvir vozes, passos, qualquer coisa que provenha da casa. Quanto mais depressa tudo aquilo acabar, mais depressa poderei fazer chegar os meus presentes a John sem que ninguém me veja.

O silêncio prolonga-se. Tess sussurra:

- Se não dizem nada é porque está tudo bem, não é?
- Tens muita graça.

Conto mentalmente os segundos. Passa-se um minuto. Depois dois, quatro e, por fim, dez.

Quinze minutos. Vinte minutos.

Olho para Tess. Ela limita-se a encolher os ombros.

- Se calhar têm o detetor avariado – sugere.

Passam-se trinta minutos. Não me atrevo a mexer-me no meu posto de vigília. Receio que algo aconteça tão depressa que eu não dê por isso só por pestanejar. Vou tamborilando ritmicamente os dedos contra o punho da minha faca.

Quarenta minutos. Cinquenta minutos. Uma hora.

- Passa-se qualquer coisa – sussurro.

Tess contrai os lábios.

- Não podes ter a certeza disso.
- É claro que posso. O que poderá fazê-los demorar tanto?

Tess abre a boca para responder, mas, antes que possa dizer o que quer que seja, os soldados começam a sair de minha casa, em fila indiana, de rostos completamente inexpressivos. Finalmente, o último soldado fecha a porta depois de sair e leva a mão a qualquer coisa que enfiou no cós das calças. De repente, sinto-me tonto. Sei o que vai acontecer.

O soldado estica o braço e traça uma linha comprida, vermelha e diagonal na nossa porta. Depois traça outra, criando um X.